

CORPO E SUBJETIVIDADE EM “SHEINE MEIDALE”

BODY AND SUBJECTIVITY IN “SHEINE MEIDALE”

Cesar Marcos Casaroto Filho¹

Saete Rosa Pezzi dos Santos²

Resumo

O presente trabalho analisa “Sheine meidale”, conto de Cintia Moscovich, que narra a história de Sheine meidale, uma menina de descendência judaica que passa pelas transformações da adolescência, desconhecendo o próprio corpo e funções. Obrigada a seguir à risca os padrões que o pai lhe impõe, a protagonista se submete aos ditames de uma cultura essencialmente patriarcal, em que as mulheres necessitam seguir um comportamento exemplar, subalterno ao homem. Aos poucos, passa a compreender qual é seu papel no contexto social imposto.

Palavras-chave: Sexualidade. Literatura. Sujeito feminino.

Abstract

This study analyses “Sheine meidale”, tale by Cintia Moscovich, which tells the story of Sheine meidale, a girl of Jewish descent. She's passing through the transformations of adolescence and don't knows oneself, your body and functions. The girl's required to follow strictly the standards the father imposes, she's submitted to the dictates of an essentially patriarchal culture, where women need to follow exemplary behavior, subordinate to man. Gradually, comes to understand who is this their role in the social tax.

Keywords: Sexuality. Literature. Female subject.

Artigo recebido em 28/11/2012 e aprovado em 06/12/2012.

¹ Graduando em Letras, 6º semestre, pesquisador-bolsista filiado à Universidade de Caxias do Sul. E-mail: cmcfilho@ucs.br / ce.filho1992@hotmail.com

² Doutora em Letras – Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pesquisadora-docente filiada à Universidade de Caxias do Sul. E-mail: srpsanto@ucs.br.

1. Introdução

O conto “Sheine meidale”, de Cíntia Moscovich, relata fatos ocorridos no final dos anos sessenta, em que a protagonista - Sheine meidale - relata os acontecimentos que marcaram sua adolescência, dentre eles, o desconhecimento da própria sexualidade, a incompreensão diante do falocentrismo, entre outros.

A família da personagem central é de descendência judaica, fato que pode ser comprovado pela passagem que descreve a circuncisão de Jankiel, irmão de Sheine meidale. Sendo a circuncisão um costume típico dos povos judeus, ela é realizada para honrar o pacto do Eterno com o povo hebreu, cerimônia seguida de festas e comemorações. No conto, a narradora descreve o que acontece nesse ritual, que é o rompimento e a retirada do prepúcio peniano do menino.

Sheine meidale é um apelido carinhoso utilizado pelo pai da protagonista quando quer se referir a ela. Na sua etimologia, Sheine meidale provém da língua iídiche, significando “menina bonita”. O iídiche, uma língua indo-europeia pertencente ao germânico, é adotada mais tarde pelos judeus, mais um aspecto que remete à descendência da família analisada. Supostamente são imigrantes, já que residem em Porto Alegre, espaço onde acontece o conto. Sheine meidale provém de um núcleo familiar tradicional, sendo o pai o detentor do poder na família. É ele quem dita à filha o que deve ou não fazer, ou como deve ou não se portar na condição de mulher.

2. A construção social da menina

Enquanto menina, Sheine procura fazer o que tem vontade, seguindo seu próprio juízo. Assim, ela opta por praticar esportes considerados masculinos aos olhos do pai e da sociedade, como o futebol. Ela renuncia, desde sempre, ao faz de conta e às bonecas, o que resulta que não se enquadre nos parâmetros que moldam a mulher-criança desde a mais tenra idade. Independentemente de os anos sessenta terem sido marcados pelo *boom*³ social, os

³ Caracterizado por seus ocorridos, como o movimento hippie, as ditaduras, o feminismo, entre outros.

costumes continuaram cristalizados, tornando-se difícil serem quebrados de uma hora para outra, já que, por fatores que envolvem o imaginário social, que tem por característica a cristalização de uma cultura falocêntrica, a mudança brusca de paradigmas significaria a queda em um abismo em que as pessoas não teriam mais parâmetros a serem seguidos.

O pai sempre faz questão de lembrar à filha que o momento de jogar futebol teria um fim quando ela se tornasse uma moça, coisa que marcará a sua vida após a menstruação, clímax da trama. A seguinte passagem confirma o conservadorismo do pai:

dia após dia, ele me lembrava que, quando eu ficasse mocinha, a história de bola havia de ter um basta. Ah, mas ficar mocinha ainda demoraria, minha mãe sempre reprisava que a primeira menstruação dela só tinha acontecido aos quinze anos, uns três anos a mais do que eu, portanto. (MOSCOVICH, 1996, p. 50).

A menstruação definirá a vida da protagonista. É ela um dos fatores essenciais que delimita todo o universal feminino, fundindo-se cultura e natureza. Em dado momento da narrativa, Sheine inicia um relacionamento pueril com Luiz, um amigo que não lhe desperta paixão, mas sim, curiosidade quanto a seu corpo desnudo. Em diversas passagens do conto, está descrita a forma como a protagonista desvela o sexo de Luiz, questionando-se para que serviria, ou qual significado poderia ter.

Sheine jamais teve uma conversa esclarecedora com alguém que lhe explicasse a função de seu sexo ou o dos homens, por isso acaba, na maioria das vezes, deduzindo de onde vêm os bebês, ou como é que acontece a copulação do casal. O puritanismo, na realidade, tem grande influência sobre a sociedade. Foucault explica que, no século XVII, houve:

[...] o início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas, e da qual talvez ainda não estivéssemos completamente liberados. Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso. Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível. Dir-se-ia mesmo que essas interdições temiam chamá-lo pelo nome. Sem mesmo ter que dizê-lo, o pudor moderno obteria que não se falasse dele, exclusivamente por intermédio de proibições que se completam mutuamente: mutismos que, de tanto calar-se, impõe o silêncio. Censura. (2005, p. 21).

Devido ao novo modelo de sociedade que se instalava com o modernismo, os assuntos referentes a sexo tomaram um caminho diferenciado, tornando o sexo racionalizado, sendo seus mentores autoridades, dentre eles, a Igreja. Daí o cuidado extremo com os corpos que futuramente contrairiam matrimônio, em especial, o das mulheres, guardiãs do útero, órgão primordial no processo da maternidade. Diante disso, Foucault explica que:

...é necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecunda ou estéreis, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas contraceptivas. (2005, p. 28).

A nova forma de governo a partir do capitalismo, que racionalizava o sexo e o casamento, pode, dessa forma, visar melhor a natalidade, a fecundidade, as doenças sexualmente transmissíveis, o habitat das famílias, dentre outros. E, para manter a castidade, especialmente, a das mulheres, vulneráveis a engravidar, o sexo se mantém em sigilo completo, o pudor é constante, e a divina virgindade é uma crença que acarreta a manutenção do *status quo* na sociedade patriarcal.

De forma a manter o puritanismo, a protagonista, no momento em que Luiz pede para que ela lhe desvende a sua intimidade sexual, não ousa retirar a roupa íntima, já que se recorda das palavras da mãe, mantedora do discurso hegemônico patriarcal, que só deveria revelar a sua vagina na noite de núpcias. A primeira experiência sexual de Sheine, na realidade, não foi uma experiência, já que manteve intacta a roupa que guardava o seu órgão: “Abaixei o short de tergal e deixei que ele se encostasse no algodão de ursinhos da minha intimidade” (MOSCOVICH, 1996, p. 55). Ela sente o prazer sexual se aflorar, no entanto sabe que deve manter-se casta, suspeitando qual seria a reação terrível que o pai ou a mãe teriam se acabassem descobrindo que havia feito o ato pecaminoso antes do casamento. Na realidade, os pais sequer suspeitam do namoro, sendo esse praticado às escondidas. A reprimenda sexual pode ainda ser complementada por Grieco, quando explica que “o pudor tornou-se um símbolo de distinção social e moral, particularmente caro às classes médias da sociedade, que condenavam tanto a grosseria física das classes inferiores como a indiferença libertina da aristocracia.” (1991, p. 92-93). Dessa forma, fica claro que, independentemente de classe social, a moral social tinha um grande poder, tanto sobre o homem quanto sobre a mulher, sendo a mulher a mais visada.

Sheine sabia que o pai jamais admitiria que ela se casasse com Luiz, já que ele era um góí, alguém que não é judeu. E, tratando-se de uma família extremamente tradicionalista, um casamento daqueles sequer podia passar pela cabeça de Sheine. Entretanto, o casamento lhe assoma como opção, pois, para ela, contrai-lo, é um fato natural, visto ter já vivenciado alguma intimidade com o namorado.

Da forma como ambos praticaram seu ato sexual, especialmente por não haverem chegado a finalizar a copulação para que houvesse uma gravidez, está contida uma reprimenda que vem sendo carregada há muitos séculos. Existe uma forma correta de se fazer sexo, estipulada desde a Idade Média, pela Igreja. Grieco explica dessa forma:

todas as acrobacias eróticas para além da fórmula aprovada – a mulher deitada de costas e o homem por cima – eram consideradas suspeitas, na medida em que privilegiavam o prazer em detrimento da procriação. A única posição que favorecia a implantação da semente masculina era a que, de forma simbólica, era associada ao gesto do lavrador a lavrar a terra. (1991, p. 100).

Dessa forma, não se corria o risco de desperdiçar a semente fecundadora, sagrada para as leis eclesiásticas. Eram repreendidos aqueles que praticavam o coito para seu bel prazer, já que o ato de copular deveria ter somente a função de manter a espécie. A sexualidade pode ser entendida dessa forma como um processo cultural e não natural, já que esteve na mira da política, favorecendo o discurso hegemônico patriarcal. Foucault explica, diante disso, que:

...a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (2005, p. 100).

Ainda com enfoque nos processos históricos, o discurso machista condena a mulher que se mostrasse naturalmente desejosa de sexo, chegando a ser considerada ninfomaníaca. Partindo do pressuposto bíblico de que todas as mulheres são filhas de Eva, isso as torna diabólicas por natureza, seres que incitam não somente a tentação pecaminosa nos homens, como também podem levá-los para o caminho da perdição. A medicina, nos seus primórdios, estando lado a lado com a Igreja, contribuía para manter o discurso hegemônico, explicando com teorias supostamente técnicas que a interpretação acima era verídica. Além de tudo, com fundamento na famosa frase “crescei e multiplicai-vos”, utilizava-se essa necessidade “natural” das mulheres para alertá-las que adoeceriam caso não considerassem esse desejo

somente para praticar o ato da procriação, dessa forma, não podendo ignorar sua função primordial.

Analisando a questão da virgindade feminina, percebe-se um discurso ainda mais conservador, que busca no divino e no ideal os seus fundamentos. Kessel compara a mulher casada com a virgem da seguinte maneira:

para os mais radicais dos primeiros cristãos, o papel da mulher na procriação – o seu dever conjugal e as dores do parto – era um símbolo da servidão humana, enquanto a virgindade simbolizava a liberdade. [...] mais heróicas do que os mártires eram as virgens-mártires. A virgem, símbolo de liberdade a todo o custo, com o empenho da própria vida, representa o sonho mais profundo da humanidade: todos os homens se tornam camaradas, homens e mulheres, lutando pela liberdade unidos de forma igualitária e andrógina. (1991, p. 187).

Isso significa arcar com uma carga simbólica muito pesada para as mulheres, aguardando-se delas um comportamento que beire o divino: dentre suas qualidades, uma postura de ser invisível, educada, submissa. No conto, a narradora deixa bem claro que, durante os atos sexuais, ela mantinha a sua virgindade intacta, nunca revelando a sua preciosidade maior, aquilo que, mesmo sem compreender por que, a tornaria uma mulher honrada até que se tornasse esposa e partisse para a servidão.

Sendo Sheine uma moça distinta das demais, especialmente por seu gosto pelo esporte masculino, acaba sendo a mira principal de seu pai, que a condena pela atitude pouco convencional, lembrando-lhe constantemente do seu lugar na sociedade. Uma das reprimendas do pai acontece na seguinte passagem: “meu pai inventou que eu tinha de aprender balé. Ah, não, tudo menos isso. Onde iria arranjar tempo para jogar futebol? O pai me olhou muito sério, muito, daquele jeito de me botar no meu lugar.” (MOSCOVICH, 1996, p. 58-59).

Kessel define historicamente a divisão de tarefas do homem e da mulher no ocidente com a seguinte explicação: “a nova relação conjugal pós-feudal tornou-se a bitola não apenas da divisão de tarefas entre os sexos, mas também da auto-imagem e das ambições materiais e espirituais do cidadão, homem ou mulher.” (1991, p. 185). Da mulher espera-se um comportamento bem menos ambicioso que o do homem, sabendo que o seu destino será o de cuidadora da casa, dos filhos e do marido, entre quatro paredes, ou ainda, como uma espécie de enfeite inanimado, postada atrás do piano ou utilizando sapatilhas de balé. Do homem espera-se o mundo, as grandes tarefas, os trabalhos “sérios”.

O futebol pode servir como exemplo que expressa uma qualidade “natural”, e ainda, honrosa, destinada exclusivamente aos homens. Sendo um esporte de caráter agressivo, não é apropriado para a mulher, que deveria configurar-se como um ser vulnerável e frágil. Ressaltando a relevância que se dá aos trabalhos honrosos, Bourdieu explica que “as mulheres são excluídas de todos os lugares públicos (assembleia, mercado), em que se realizam os jogos comumente considerados os mais sérios da existência humana, que são os jogos da honra.” (2007, p. 62).

Dessa forma, não sobra espaço para maiores cogitações da parte de Sheine quanto à sua vocação para o futebol, esporte público e não doméstico. Tal qual os órgãos reprodutores de ambos os sexos, o homem externo e a mulher interno, destina-se o homem ao mundo, a mulher, ao lar. Historicamente, mais precisamente no século XIX, diferentemente de outras doutrinas, o positivismo não entendia a capacidade mental da mulher como inferior a do homem, mas sim, como uma inteligência que o complementava.

No entanto, as tarefas designadas a cada sexo ainda eram marcadas pela compreensão da cultura. Aos homens cabia serem os chefes de estado, como sujeitos mais práticos e mais firmes, propícios ao comando. A mulher, por sua vez, dentro de sua natureza feminina, fora feita para educar, com a função de formar os futuros chefes do estado.

Entretanto, ao analisar a imagem do masculino e do feminino, sabe-se que nem sempre a mulher foi tida como um ser paralelo ao homem, mas como algo peculiar, distinto, chegando a não ser admitida como um ser humano. Nos primeiros séculos depois de Cristo, ocorreram discussões filosóficas a respeito da fisionomia imperfeita da mulher, já que o seu corpo era vulnerável a doenças distintas de seu oposto. Partindo de uma visão bíblica a qual foi interpretada pelos inquisidores Krämer e Sprenger, *Malleus Malleficarum*, a mulher foi tomada como um ser torto, já que de uma costela recurva foi feita a primeira delas, fundamento para que as seguintes conclusões de cunho pejorativo fossem tomadas a respeito da mulher.

Sheine, logo que menstrua pela primeira vez, completamente ignorante quanto aos aspectos que envolviam esse fato, é tomada por um desespero avassalador, criando uma imagem doentia de si mesma, como se aquilo fosse alguma enfermidade. Como de costume, Sheine descobre por si mesma, sentindo diante de si um grande abismo, o que significa a menstruação e o seu sangue. A mãe, então, procura amenizar a situação:

minha mãe falou que era normal, eu estava irritada porque estava doente. Doente coisa nenhuma. Mocinha era isso. Não entendia a cara de orgulho de meu pai, a satisfação sem disfarce de minha mãe. Até meus irmãos pareciam felizes. Abobados, todos abobados, o pai, a mãe, os irmãos. A humanidade abobada. (MOSCOVICH, 1996, p. 60).

Há uma suposta crítica na passagem acima, já que ela sequer pode receber uma explicação científica quanto ao fato que lhe causara tamanho desapontamento. A sociedade recrimina a mulher, acusando-a de enferma por natureza, designada a sofrer as suas dores mensais por toda a vida. No passado, os pensadores acreditavam que as dores que condenavam a mulher eram obra divina, como uma espécie de punição a todas as mulheres, sujeitas a isso, eternamente, devido ao pecado de Eva. As dores significavam uma espécie de lição a todas elas, procurando lembrar-lhes constantemente que são seres vulneráveis e menos capacitados do que o homem. Havia ainda quem dissesse que Deus, em sua sabedoria, havia proporcionado para as mulheres tamanho sofrimento com o intuito de não despertar a inveja nos homens por elas carregarem no ventre a humanidade. Sendo assim, permaneciam sendo constantemente alguém que ninguém desejaria ser.

Ignorante quanto a toda essa bagagem histórica que as mulheres carregam, Sheine toma a sua menstruação como doença, aspecto enfatizado pela mãe que reafirma esse processo como doença. Então, o “tornar-se mulher” significaria ser alguém doente, errado, o oposto do homem. Ela toma por desastre a menstruação na seguinte passagem: “se eu não tivesse pulado tanto durante a ginástica, talvez aquele desastre não houvesse se consumado, quem poderia saber?” (MOSCOVICH, 1996, p. 61). Assim, a protagonista sente a sua intimidade violada, já que percebe os comentários pouco sigilosos da família.

A menstruação, historicamente, sempre foi rotulada como algo demoníaco, pecaminoso. Quanto ao fluxo menstrual, Berriot-Salvadore coloca que, “desde a Antiguidade, tanto os tratados eruditos como as enciclopédias, tanto as afirmações autorizadas como as crenças populares, atribuem a este corrimento um misterioso poder maléfico.” (1991, p. 414). Daí inicia toda uma gama de estudos referentes ao corpo mal formado da mulher. Foi na Idade Média que se iniciaram estudos referentes à anatomia feminina, já que, outrora, achavam desnecessário estudá-los, sendo a mulher um simples complemento do homem. A medicina tinha uma forma técnica de explicar os órgãos das mulheres, tal como mostra a seguinte passagem:

a mulher, de humor frio e úmido, possui órgãos espermáticos mais frios e mais moles do que os do homem, e uma vez que o frio, como admitem os físicos, contrai e aperta, esses órgãos mantêm-se internos, como uma flor que, por falta de sol, jamais conseguiria desabrochar. O corpo feminino, definido desta maneira pela sua impotência e pela sua debilidade, não perturba em nada a visão hierarquizada das criaturas, em que a fêmea está colocada entre o animal e o homem. (BERRIOT-SALVADORE, 1991, p. 414).

Como algo mais vulnerável e indefeso, devido a uma anatomia fria e sem luz, a mulher, necessariamente, precisa do homem para que lhe propicie o que está faltando. O homem, como ser perfeito e mais inteligente, tem como função amparar a mulher, servir-lhe de mentor, já que é tida como alguém indefinido, que está entre o homem e o animal.

Entretanto, as mudanças que começaram a ocorrer no corpo de Sheine não lhe afetam tanto quanto suspeitava que iriam afetar. O que pode ter propiciado que isso não acarretasse ônus foi o aparecimento de seu amor secreto, Márcio, que serviu de apoio para que pudesse suportar os novos acontecimentos. A imagem que a mulher normalmente faz do corpo é algo imposto pela cultura, olhar que os demais colocam sobre cada uma delas. Esse imaginário provém de um pensamento que faz com que, se as mulheres são consideradas menos capacitadas, necessitem ser minimizadas, discretas. Bourdieu compara o homem e a mulher quanto a sua autoimagem nas seguintes palavras: “os homens tendem a se mostrar insatisfeitos com as partes de seu corpo que consideram 'pequenas demais', ao passo que as mulheres dirigem suas críticas sobretudo às regiões de seu corpo que lhes parecem 'demasiado grandes'.” (2007, p. 82).

O que acontece é uma dependência simbólica à qual as mulheres estão presas. O olhar dos demais é a sua sentença determinante. Dessa forma, postuladas como objeto, se obrigam constantemente a procurar o corpo ideal, tentando atingir a aceitação irracional da sociedade patriarcal. Quanto a isso, Bourdieu explica que:

a dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (*esse*) é um ser-percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas [...] a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser. (2007, p. 82).

A institucionalização patriarcal modela as mulheres, fazendo-as elas próprias acreditarem-se seres que não podem pensar por si mesmos, subordinados e inanimados, ao
Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar/Matinhos/Vol.5, n.2, p.1-136/jul./dez./2012

mesmo tempo que adoráveis e bem dotados. Quanto à Sheine, caso não houvesse focalizado em um amor todos os seus pensamentos, ela poderia estar sujeita a sofrer por sua própria imagem. O que ela nutre pelo colega de escola Márcio é um amor idealizado, juvenil, talvez um tanto cego demais. Logo que percebe o seu amadurecimento forçado devido às suas mudanças na fisionomia, ela constata que deve se afastar de Luiz, sendo aquele um amor menor do que o de Márcio. No que Sheine meidale modifica o seu corpo, atrai a atenção de toda a escola, em especial a de Márcio, que, então, a nota e passa a se interessar igualmente por ela.

Sheine e Márcio iniciam um namoro, levando o rapaz a falar com o pai e com os irmãos da moça. Como de costume, os irmãos também tinham de aceitar o namoro da irmã, já que são eles, simbolicamente, os tutores naturais da moça. Sendo Márcio um judeu, o namoro torna-se mais fácil. O pai, já nas últimas linhas do conto, indaga o rapaz sobre seus referenciais familiares, momento em que percebe a descendência de boa família, e o aceita. O casamento, tido como negócio entre famílias, necessita de uma visão minuciosa de todos os dotes do homem e da mulher, e, devido ao fato de uma família ser patriarcal, supõe-se que já aguardem por um noivado em breve.

3. Conclusão

O conto demarca um questionamento sobre as verdades que a sociedade toma como naturais e essenciais. O corpo da protagonista está presente, de forma relevante, na trama, sendo a etapa da menstruação um dos momentos mais importantes no desenvolvimento da trama. A característica física do feminino, unido com o seu pensamento enquadrado nos paradigmas do patriarcalismo, são marcos importantes em “Sheine meidale”.

Trazendo consigo a bagagem cultural da família, Sheine não chega a subverter o discurso patriarcal, já que aguarda ainda pelas decisões do pai para fazer suas escolhas, como o futebol, que acaba abandonando, ou os rapazes que tende a eleger como namorados, corroborando, assim, sua submissão ao poder instituído.

Referências

BERRIOT-SALVADORE, Évelyne. O discurso da medicina e da ciência. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente**. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 5. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2007.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente**. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

GRIECO, Sara F. Matthews. O corpo, aparência e sexualidade. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente**. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

KESSEL, Elisja Schulte van. Virgens e mães entre o céu e a terra. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente**. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

MOSCOVICH, Cíntia. **O reino das cebolas: contos e narrativas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.